

Estudo da integração da unidade lexical “placenta” ao léxico português

Study of the integration of the lexical unit “placenta” in the Portuguese lexicon

Luana da Silva Borges* 

Bruno Maroneze** 

RESUMO: O objetivo deste estudo é descrever a integração da unidade lexical placenta na língua portuguesa, com vistas à elaboração do verbete placenta do Dicionário Histórico de Termos da Biologia (Maroneze; Rio-Torto, 2023). Para isso, trazemos uma discussão teórico-metodológica a respeito da Etimologia e da Neologia, entendendo que a integração de uma unidade lexical envolve a descrição do momento em que ela foi considerada um neologismo. Assim, descrevemos os empregos de placenta no latim da Antiguidade e no latim moderno e científico, mostrando como seu significado passou de “torta ou bolo achatado” para “órgão da gravidez”. Em seguida, analisamos as primeiras ocorrências da unidade na língua portuguesa, evidenciando seus empregos neológicos (no início do século XVIII), até o momento em que deixa de ser sentida como novidade, com a inserção em obras lexicográficas (fim do século XVIII) e a formação de derivados (séculos XIX e XX).

ABSTRACT: The objective of this study is to describe the integration of the lexical unit placenta in the Portuguese language, for the elaboration of the entry placenta of the Historical Dictionary of Biological Terms (Maroneze; Rio-Torto, 2023). For this, we present a theoretical-methodological discussion about Etymology and Neology, understanding that the integration of a lexical unit involves the description of the moment when it was considered a neologism. Thus, we describe the uses of placenta in ancient Latin and in modern and scientific Latin, showing how its meaning changed from “flat pie or cake” to “organ of pregnancy”. Next, we present the first occurrences of the unit in the Portuguese language, highlighting its neological uses (at the beginning of the 18th century), until the moment when it ceases to be perceived as a novelty, with its insertion in lexicographical works (end of the 18th century) and the formation of derivatives (19th and 20th centuries). Finally, we

* Pós-graduanda, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

** Doutor, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Agradecemos ao CNPq pelo auxílio concedido ao projeto “A elaboração de um dicionário histórico de termos da Biologia”. Também agradecemos a Eduardo Henrik Aubert e a Matheus Trevizam pelo auxílio com a citação de Catão. Por fim, agradecemos aos dois pareceristas anônimos pelas valiosas sugestões e contribuições.

Por fim, apresentamos o percurso diacrônico resumido e a proposta de verbete que integrará o referido dicionário.

present the summarized diachronic path and the proposal for an entry that will integrate the aforementioned dictionary.

PALAVRAS-CHAVE: Etimologia. Neologia. Terminologia da Biologia. Termo “placenta”.

KEYWORDS: Etymology. Neology. Terminology of Biology. Term “placenta”.

1 Introdução

O objetivo desta pesquisa é estudar de que modo ocorreu a integração da unidade lexical *placenta* na língua portuguesa, isto é, como foi emprestada do latim e quais foram as alterações de significado pelas quais passou. O objetivo final é a elaboração do verbete *placenta* que integrará o Dicionário Histórico de Termos da Biologia (Maroneze; Rio-Torto, 2023).

Para isso, apresentaremos inicialmente uma discussão teórica sobre Neologia e sobre Etimologia, buscando entender os processos de criação e integração de uma unidade lexical ao léxico da língua portuguesa (seção 1). Em seguida, procuraremos descrever o emprego de *placenta* no latim da Antiguidade, com base em dicionários, e no latim científico, com o auxílio da base textual “Google Livros” (em inglês, “Google Books”) e de outros recursos disponíveis *online* (seção 2). Por fim, mostraremos os primeiros empregos dessa unidade na língua portuguesa, com dados também extraídos de bases textuais *online* (seção 3).

2 Considerações teóricas e metodológicas

Nesta seção, trazemos os principais conceitos teóricos e metodológicos que orientam a análise dos dados.

2.1 Algumas reflexões teóricas sobre neologia e neologismo

O termo *neologia* designa a criatividade no âmbito lexical, ou seja, o processo de criação de uma nova unidade lexical, que é chamada de *neologismo* (Alves; Maroneze,

2020). Segundo os autores, porém, nem sempre houve esta diferenciação. A primeira obra lexicográfica que distingue claramente os dois termos é o dicionário de Caldas Aulete (1970 *apud* Alves; Maroneze, 2020), que define *neologia* como “introdução de palavras novas ou de novas acepções”, e *neologismo* como “palavra ou frase nova numa língua”.

O estudo científico sistemático da neologia na língua portuguesa se deu com a criação de observatórios no Brasil e em Portugal, a partir de 1990. Um pouco antes disso, na década de 1970, já vinha surgindo também o interesse por estudos sobre a criação de termos nas áreas de especialidade, dessa forma estabelecendo uma relação próxima entre neologia e terminologia (Alves; Maroneze, 2020, p. 15-19). Assim, o termo *Neologia* (nesta acepção grafado com maiúscula) também pode se referir ao “estudo teórico e aplicado relativo às inovações lexicais” (Alves, 1996, p. 14).

A criação de uma nova unidade lexical pode ocorrer por meio de diferentes processos linguísticos. Alves (2007) descreve os processos de derivação, composição e estrangeirismo, entre outros, que são objeto de reflexão de linguistas de diversas correntes teóricas (Alves; Maroneze, 2020, p. 19-26).

Para além da criação de um neologismo, é importante também refletir sobre a sua integração ao léxico da língua. Nesse sentido, Barbosa (1978, p. 195) apresenta uma reflexão envolvendo três momentos:

- a) O [momento] que diz respeito ao instante mesmo de sua criação;
- b) O momento pós-criação, que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como a sua inserção no vocabulário e léxico de um grupo lingüístico-cultural;
- c) O momento em que começa a dar-se a sua desneologização¹.

¹ Por “desneologização” a autora entende a “perda da consciência do fato neológico” (Barbosa, 1978, p. 206).

Dessa forma, para estudar o percurso histórico de uma unidade lexical neológica, faz-se necessário descrever esses três momentos. O primeiro deles é de difícil identificação, por muitas vezes resultar “da ação individual de um locutor” (Barbosa, 1978, p. 196), e é o momento que procura ser abarcado pelo conceito de *terminus a quo*, sobre o qual trataremos na seção 1.2, a seguir. O “momento pós-criação” e o momento da “desneologização” envolvem questões metodológicas que serão apontadas na seção 1.3.

2.2 O momento de criação de um neologismo e o seu *terminus a quo*

Nos estudos de Etimologia, é comum denominar de *terminus a quo* a ocorrência mais antiga já encontrada para determinada unidade lexical (Viaro, 2011, p. 106-9). Essa ocorrência raramente coincide com o momento da criação do neologismo, mas é uma evidência de que determinada unidade lexical já existia em certo período. Conforme afirma Viaro (2011, p. 107),

a *datação* da ocorrência mais antiga é importante porque só por meio dela saberemos que *naquela sincronia* a palavra já era usada. Se a invenção da palavra é contemporânea à documentação ou se ela só foi grafada séculos depois é uma questão que se coloca apenas hipoteticamente. (grifos no original)

O *terminus a quo* auxilia na elaboração de hipóteses etimológicas, ao determinar com maior precisão a antiguidade de determinada unidade lexical. Do ponto de vista dos estudos de neologia, pode-se afirmar que o *terminus a quo* permite traçar hipóteses de quando determinada unidade lexical foi um neologismo.

2.3 Aspectos metodológicos da descrição histórica de um neologismo

O segundo momento apontado por Barbosa (1978) refere-se ao julgamento da aceitabilidade do neologismo por parte dos falantes da língua. Ao contrário do

momento da criação do neologismo, este parece ser na verdade um período de tempo mais ou menos longo, assim como é o terceiro momento, o da desneologização. Do ponto de vista metodológico, a identificação desses momentos precisa ser feita a partir de “pistas” textuais.

Alves (2007, p. 83-4) aponta que a consciência da inovação lexical, o que ela chama de “sentimento de neologia”, pode ser expressa graficamente (por meio de recursos como aspas ou itálico) e/ou por recursos metalinguísticos, como a indicação de um sinônimo ou o emprego de expressões como “o chamado”, “o dito” etc. Assim, a presença de recursos indicando o sentimento de neologia são uma evidência de que o neologismo está tendo a sua aceitabilidade testada e, portanto, são uma evidência do segundo momento apontado por Barbosa (1978).

Em relação à desneologização, Barbosa (1978, p. 206) afirma que “a alta frequência de termos novos, bem como o maior contacto que os falantes-ouvintes vão tendo com eles, tornam-nos conhecidos e fazem, pouco a pouco, desaparecer o impacto da novidade lexical”. Assim, uma frequência relativamente alta da unidade lexical no *cópus* parece ser um indício adequado de que não se trata mais de um neologismo. Além disso, o registro da unidade lexical em dicionários é uma evidência ainda mais contundente da desneologização: “A consagração final da palavra neológica é a sua inserção no dicionário, porque o registro de um termo no dicionário confere-lhe o estatuto de elemento lexical da língua” (Barbosa, 1978, p. 205).

Dessa forma, neste artigo propomo-nos a descrever o percurso histórico da unidade lexical *placenta* na língua portuguesa, procurando apontar o momento da criação, o momento da sua progressiva aceitação e o momento da desneologização. Por se tratar de uma unidade lexical de origem latina, visando compreender mais adequadamente a sua história tanto em latim quanto em português, julgamos adequado também traçar uma breve reflexão sobre o chamado “latim científico”.

2.4 Latim da Antiguidade, latim moderno, latim científico

Como é de conhecimento geral, a língua latina foi utilizada durante muitos séculos como a língua da instrução universitária, das comunicações científicas e da intelectualidade como um todo, durante um período bastante longo da história, mesmo depois do fim do Império Romano. Essa “língua de cultura” forneceu (e ainda fornece) muitos empréstimos à língua portuguesa, que são por vezes conhecidos como “termos eruditos”:

[...] há uma rica e complexa série de palavras, tomadas de empréstimo ao latim clássico e de cunho literário *lato sensu*, através da vida espiritual da região em toda a sua história a partir da romanização. São essas últimas palavras que se conhecem, em filologia portuguesa, pelo nome de “termos eruditos”, em contraste com o núcleo lexical da língua, de origem vulgar, denominado dos “termos populares” (Câmara Jr., 1976, p. 189).

Julgamos ser ainda insuficientes os estudos que descrevem a influência do latim na formação de termos científicos em português². É importante entender que a língua que forneceu os ditos “termos eruditos” não é exatamente o latim clássico, conforme afirma Câmara Jr. (ou, pelo menos, não é só o latim clássico), mas o latim que foi se enriquecendo com incontáveis neologismos criados ou tomados de empréstimo ao longo dos séculos (para uma descrição pormenorizada desses neologismos, cf. Helander, 2014).

Dessa forma, para o presente estudo, optamos por denominar “latim da Antiguidade” o léxico latino empregado antes da Idade Média, e por “latim moderno” ou “neolatim” o léxico latino empregado a partir de Petrarca, no século XIV (seguindo a terminologia de Knight e Tilg, 2015). Dentro desse último conjunto, chamaremos de

² Este é um dos objetivos perseguidos na elaboração do Dicionário Histórico de Termos da Biologia (Maroneze; Rio-Torto, 2023).

“latim científico” o léxico do latim moderno que se difundiu por meio de textos científicos, no período aproximado entre os séculos XV e XVIII³.

Em termos metodológicos, como referência para o léxico latino da Antiguidade, empregaremos as obras Oxford Latin Dictionary (Oxford, 1968) e Gaffiot (1934, consultado na versão online de Gréco, 2016). Ambas afirmam, em seus prefácios, usarem como fontes autores até o período do Digesto de Justiniano (século VI d.C.), de modo que, se uma unidade lexical está incluída nessas obras, certamente remonta à Antiguidade.

Como fontes para o latim moderno e científico, consultamos o repositório Google Livros, que inclui em seu acervo milhares de obras digitalizadas em latim e em outras línguas.

3 A história da unidade lexical *placenta* em latim

Nesta seção, descreveremos o emprego da unidade lexical *placenta* no latim da Antiguidade (seção 3.1) e as alterações de sentido do termo⁴ no latim moderno (seção 3.2).

3.1 A unidade lexical *placenta* no latim da Antiguidade

Para identificar o uso da unidade lexical no latim da Antiguidade, consultamos os dicionários Oxford Latin Dictionary e Gaffiot, conforme já mencionado. Gaffiot a define como “galette, gâteau”, ou seja, uma espécie de bolo ou torta, que pode ser inclusive sagrada (“gâteau sacré”):

³ Muitas outras subdivisões poderiam ser feitas. Por exemplo, o latim da Antiguidade poderia ser subdividido em arcaico, clássico, pós-clássico, tardio etc.; e também estamos ignorando aqui o período que pode ser denominado por “latim medieval”. Para o escopo do presente estudo, julgamos que apenas a distinção entre latim da Antiguidade, latim moderno e latim científico seja suficiente.

⁴ Como é tradicional nos estudos de Terminologia (cf., por exemplo, Krieger e Finatto, 2004, entre outras obras), unidades lexicais empregadas no âmbito técnico-científico são chamadas de “termos”. No caso de *placenta*, conforme será evidenciado em 2.2, seu emprego no âmbito científico ocorre no latim moderno; dessa forma, a partir desse momento, cabe referir-se a essa unidade como um termo.

plăcenta, æ, f. (πλακοῦς), galette, gâteau : CAT. Agr. 76 ; HOR. S. 1, 10, 11
|| gâteau sacré : MART. 5, 39, 3.

O Oxford Latin Dictionary, de maneira semelhante, define *placenta* como “a kind of flat cake” (ou seja, uma espécie de bolo achatado). Esse dicionário também menciona os mesmos autores que Gaffiot (ou seja, Catão, Horácio e Marcial), mas também outros, como Lucílio, Petrônio e Juvenal, o que revela que essa unidade lexical é largamente documentada.

Em relação à etimologia, ambos os dicionários associam essa unidade lexical à forma grega πλακοῦς (*plakoûs*), que, segundo o dicionário de grego de Liddell, Scott e Jones (1940, versão online), também significa “bolo achatado” (“flat cake”). A ideia de “achatado” parece estar ligada ao adjetivo grego πλακόεις (*plakóeis* - “achatado”, segundo o mesmo dicionário de Liddell, Scott e Jones).

O autor romano Catão (mencionado por ambos os dicionários de latim consultados), em seu conhecido tratado “Da Agricultura”, descreve esse bolo (ou pelo menos uma das versões dele) de forma pormenorizada, dando uma receita:

LXXVI- Faze a *placenta* assim: usa duas libras de flor de farinha para a base e quatro libras de farinha e duas da melhor espelta para os *tracta*. Derrama a espelta na água. Quando estiver bem mole, põe em um almofariz limpo e seca bem. Em seguida, sova com as mãos. Quando estiver bem sovada, junta aos poucos quatro libras de farinha. Faze os *tracta* com isso. Arruma-os em um cesto para secarem. [...] Quando estiverem moldados os *tracta*, aquece bem o fogo e o testo para cozê-los. Em seguida, esparge e sova duas libras de farinha. Com isso, faze uma base fina. Põe na água quatorze libras de queijo de ovelha não ácido e bem fresco. [...].

Em seguida, toma uma peneira para farinha limpa, toma o queijo e faze com que passe pela peneira para o almofariz. Em seguida, junta quatro libras e meia de bom mel e mistura bem junto com o queijo. Em seguida, [...] monta a *placenta*: primeiro, arruma *tracta* sozinhos sobre toda a base; em seguida, cobre os *tracta* com o que tirares do almofariz, põe os *tracta* um a um e, do mesmo modo, cobre até teres usado todo o queijo com mel. Por cima, põe *tracta* sozinhos, fecha a massa da base e prepara o fogo [...] Quando estiver cozida, retira e unta com mel [...] (Catão, 2016, p. 109).

Para além da receita de Catão, é possível que a unidade lexical *placenta* tenha sido empregada para referir-se a diferentes tipos de bolo ou torta ao longo da história. Atualmente, na Romênia, existe uma iguaria chamada *plăcintă*, espécie de fogaça típica desse país, cujo étimo é claramente o latim *placenta* (cf. Wikipédia, verbete *plăcintă*).

3.2 *Placenta* no latim moderno e científico

O trabalho de Pizzi *et al.* (2012), que discute o surgimento do conceito moderno de placenta sob o enfoque da História da Medicina, afirma que foi o anatomista italiano Realdo Colombo (1516-1559) o primeiro a comparar o órgão uterino a um bolo achatado. Por meio da base textual Google Livros, pudemos localizar o trecho referido, que parece ser, de fato, o mais antigo a conter essa unidade lexical com esse emprego específico. O trecho relevante é este:

Tendo sido gerada a alantoide por meio das veias e artérias que se estendem através do umbigo; no seu ponto de origem, estas são muitíssimas, de modo que se fortificam, a natureza forma uma certa afusão, *que é feita à maneira de um bolo achatado circular* (COLOMBO, 1559, p. 247-248, tradução nossa, grifo nosso)⁵.

Nesse texto, Colombo não está nomeando o órgão, mas apenas comparando-o a um bolo achatado. Evidência disso é o fato de que a unidade lexical *placenta* não é empregada novamente em todo o livro, ainda que Colombo continue descrevendo esse órgão. Talvez nunca saibamos como era o bolo achatado que Colombo tinha em mente, mas é fato que a placenta é achatada e de formato circular, de modo que a comparação não é de forma alguma descabida.

⁵ No original: “Genita allantoide, venis, arterijsq; per vmbilicum tendentibus; quæ suo in exortu plurimæ sunt, vt fulcirentur, natura affusionem quandam genuit, quæ orbicularis fit placentæ in modum.”

O também italiano Gabriele Falloppio, contemporâneo de Colombo, em sua obra *Observationes anatomicae*, de 1562 (portanto, três anos depois da obra de Colombo), já é explícito quanto a denominar o órgão por *placenta*:

Por fim, observei em todas as mulheres que cortei, seja no parto, seja imediatamente após o parto, seja nas [mulheres] mortas antes do parto, que aquela carne, a qual é chamada por mim de *placenta*, sempre se prende ou se fixa apenas à outra parte do mesmo útero [...]⁶ (Falloppio, 1562, p. 307, tradução nossa, grifo nosso).

O trecho é bastante revelador, em especial devido à presença do comentário metalinguístico “à me dicitur” (“é chamada por mim”), que denuncia o sentimento de neologia: Falloppio é explícito quanto a estar criando aqui um neologismo semântico. Por alguma razão (talvez rivalidade?), ele não menciona o emprego anterior de Colombo, mas atribui a si mesmo essa criação.

A partir do emprego de Falloppio, caberia também indagar em que medida o novo sentido suplantou o antigo e como se deu a aceitação do termo em latim. Um estudo detalhado dessa questão foge ao escopo deste artigo, mas pesquisas no Google Livros nos permitiram identificar dois pontos: primeiramente, foi possível encontrar a unidade lexical *placenta* ainda com o sentido de “bolo” em pelo menos uma obra do século XVII: o “*Tractatus de Paschate*”, de Sebastian Schmidt (1685), em que a expressão *placenta azyma* (pp. 237-8) parece se referir ao pão ázimo tradicional da Páscoa judaica. Em segundo lugar, a expressão *placenta uteri* (“placenta do útero”) é encontrada em alguns casos, possivelmente para desambiguação (visto que apenas *placenta* poderia significar um bolo). É o caso, por exemplo, no título da obra de Matthias Tiling “*De Placenta Uteri Disquisitio Anatomica*”, de 1672. Dessa forma, é

⁶ No original: “Vnũ postremò obseruauì in omnibus, quas secui, fẽminis, aut in partu, aut post partũ statim, aut ante ipsum mortuis, carnem illam, quæ placenta à me dicitur, semper occupare, vel hærere alteri tantũm vteri ipsius parti [...]”.

possível afirmar que as duas acepções de *placenta* conviveram no latim moderno até pelo menos fins do século XVII.

4 O termo *placenta* na língua portuguesa

Nesta seção, trataremos de identificar os primeiros registros (o *terminus a quo*) do termo na língua portuguesa (seção 4.1), bem como o momento pós-criação e o momento de desneologização (seção 4.2), com base em dados textuais encontrados no Google Livros e em dicionários da língua portuguesa.

4.1 As primeiras atestações de *placenta* em português

No dicionário de Bluteau, no verbete “vide”⁷ (encontrado no volume das letras T-Z, datado de 1721), lemos o que talvez seja a ocorrência mais antiga da unidade lexical *placenta*:

Vide. Intestino pequeno, membranoso, tortuoso, do comprimento de huma vara, pouco mais, ou menos, da largura de hũ dedo. Sahe do meyo do Abdormẽ, ou barriga da criança, & do pescoço della, dando volta pelo toutiço se estẽde pela testa, & vay baixando até o que os Anatomicos chamão *Placenta da madre* (Bluteau, 1721, p. 480, grifo do autor).

Novamente, o trecho é revelador do sentimento neológico, evidenciado pelo comentário metalinguístico “o que os Anatomicos chamão”, ou seja, ainda não é um termo conhecido por todos, mas restrito a um grupo. Além disso, a expressão completa não é apenas *placenta*, mas *placenta da madre* (ou seja, “placenta do útero”, visto que, para Bluteau, “madre” é o equivalente português do latim *uterus*, conforme lemos no verbete “madre” do mesmo dicionário).

⁷ Conforme fica evidente pela definição de Bluteau, “vide” é uma denominação antiga para o cordão umbilical.

Dessa forma, a data de 1721 deve ser tomada como o *terminus a quo* de *placenta* em português, enquanto não for encontrada data mais recuada.

4.2 O momento pós-criação e a desneologização de *placenta*

Ao afirmar que os anatômicos denominam o órgão de “placenta da madre”, estaria Bluteau reproduzindo um uso já existente na língua portuguesa da época, ou, ao contrário, estaria ele traduzindo a expressão latina *placenta uteri*? Se estiver reproduzindo um uso já existente, isso significa que o termo já havia sido criado e o trecho citado acima representa o momento pós-criação; se, de outro modo, Bluteau estiver traduzindo a expressão latina, isso significa que ele pode ter sido o introdutor do termo em português e, dessa forma, estaríamos diante do momento de criação do neologismo. Com os dados de que dispomos, é impossível responder com exatidão a essas perguntas, de modo que o mais adequado é considerar que o trecho de Bluteau representa o momento pós-criação.

Uma vez identificado o *terminus a quo*, cabe realizar uma breve reflexão sobre o caminho percorrido pela unidade lexical *placenta* até os seus primeiros empregos em português. Dito de outra forma, importa identificar se *placenta* entrou na língua portuguesa de fato como um latinismo ou se teria primeiro passado para outra língua (como o francês ou o espanhol, por exemplo) para depois ter entrado no português como um estrangeirismo. Ainda que as datas em outras línguas possam ser anteriores ao *terminus a quo* do português (por exemplo, o *Trésor de la Langue Française* (TRÉSOR, s/d) apresenta a data de 1642 para a língua francesa), não há nenhuma evidência concreta de que outra língua possa ter sido intermediária; ao contrário, o fato de o *terminus a quo* ser justamente um dicionário português e latino é uma evidência em favor de uma entrada direta do latim no português. Some-se a isso a possibilidade de que a expressão “placenta da madre” seja a tradução de *placenta uteri*, apontando novamente para um étimo diretamente latino. No entanto, visto que os autores da época eram versados em diversas línguas europeias (o próprio Bluteau era de

nacionalidade francesa), é possível sugerir que os que primeiro empregaram esse termo em português já conheciam seus equivalentes tanto em latim quanto em outras línguas modernas, o que não é o mesmo que dizer que não se trata de um latinismo. Esse problema do caminho percorrido pela unidade lexical, no caso de termos científicos de difusão internacional, ainda carece de reflexões.

Na obra “Medicina Lusitana, Socorro Delphico”, de Francisco da Fonseca Henriques (1731), lemos o emprego de *placenta* mais antigo que encontramos depois de Bluteau:

E estando nesta doutrina de Regnero, dizemos, que do sangue purissimo das mães se gera nos vasos da placenta, ou membrana Chorion aquele humor branco, com cor, e semelhança de leyte, o qual preparam os ditos vasos para nutriçam da prole [...] (Henriques, 1731, p. 88).

Neste trecho, ainda se observa um recurso metalinguístico, qual seja, o emprego de uma expressão quase-sinonímica (“membrana Chorion”), revelando que, possivelmente, o termo *placenta* ainda não estava inteiramente consolidado na terminologia médica da época.

Já o tratado de Anatomia de Santucci (1739) parece empregar o termo não mais como um neologismo:

À membrana chamada chorion està unida a placenta. Esta he uma certa maça carnosa, molle, e de cor vermelha, do feitio de uma tigella pouco funda, tem muitas veas, e arterias. Pela parte concava està unida à membrana chorion, pela convexa ao utero. A sua superficie convexa he desigual, porque tem muitas covasinhas, e prominencias, com as quaes se une fortemente ao utero (Santucci, 1739, p. 93-4).

Assim, ao longo do século XVIII, o termo progressivamente se integra à língua. O momento inequívoco da desneologização é o primeiro registro lexicográfico, que

ocorre na obra de Moraes Silva (1789)⁸, em que o termo foi grafado, erroneamente, “placeta”:

PLACETA, s. f. Anatom. as pareas da mulher, donde nasce o cordão umbilical.

Nesse verbete, o autor emprega o sinônimo *páreas*, que, por sua vez, é definido como:

PAREAS, s. f. pl. a substancia, que sai pegada ao embigo da criança, quando nasce.

Conforme nos informa Moraes Silva, antes da integração do termo *placenta* em português, o mesmo referente era conhecido como “páreas”. O estudo onomasiológico das denominações da placenta anteriores à adoção do termo é sem dúvida também necessário, mas foge ao escopo deste artigo.

Dessa forma, o termo *placenta* deixa de ser um neologismo pelo menos desde 1789, com sua inserção no dicionário de Moraes Silva. A partir daí, o termo passa a ser incluído nos principais dicionários da língua portuguesa.

Outra evidência de que uma unidade lexical já não é mais um neologismo é o momento em que ela própria passa a ser empregada na formação de outros neologismos, ou seja: a) quando ela adquire outras acepções (um sintoma de que seu uso é difundido o suficiente para ser empregada em contextos diferentes do inicial); e b) quando ela passa a formar derivados.

Assim, o termo *placenta* passou a ser estendido para se referir a uma estrutura análoga à placenta animal, mas presente nos vegetais. O dicionário de Domingos Vieira (no quarto volume, de 1873) parece ser a primeira obra a registrar essa acepção:

⁸ Esta é a ocorrência informada pelo dicionário Houaiss online como sendo a mais antiga.

PLACENTA, *s. f.* (Do latim *placenta*). Termo de anatomia. Órgão cellulovascular, que estabelece as relações entre a mãe e o filho, durante a vida intra-uterina.

— Termo de botânica. Nome dado á parte interior do fructo de algumas plantas, onde se acham as sementes.

— Especie de bolo sovado; ou bolacha.

Interessantemente, esse dicionário parece ser o único que registra (a nosso ver, equivocadamente) a acepção de “bolo”, que existiu apenas na língua latina, não na língua portuguesa.

Os derivados *placentação*, *placental* e *placentário*⁹, registrados no dicionário Houaiss online, são mais recentes. A data informada para *placentação* é 1899 (a primeira edição do dicionário de Cândido de Figueiredo), e para *placental* e *placentário* não há data informada. A quarta edição do dicionário de Cândido de Figueiredo (1926) registra *placentário* e *placentação*, este último marcado como um neologismo, o que aponta para a criação desses termos em fins do século XIX ou início do XX; futuras pesquisas poderão esclarecer mais pormenorizadamente essa questão.

Podemos resumir, cronologicamente, a história da unidade lexical *placenta* da seguinte forma:

Língua latina:

- Antiguidade - significado de “bolo achatado, fogaça”
- 1559 (Realdo Colombo) - comparação do órgão da gravidez com um bolo achatado
- 1562 (Gabriele Falloppio) - primeiro emprego com o sentido de “órgão da gravidez”

⁹ A forma latina *placentarius* está registrada em Gaffiot (1934), mas não como adjetivo e, sim, como substantivo, significando “pâtissier” (confeiteiro); dessa forma, é pouco provável que tenha servido de base para a forma portuguesa *placentário*.

- Séculos XVI-XVIII - co-ocorrência das duas acepções no latim moderno; emprego eventual da expressão *placenta uteri*

Língua portuguesa:

- 1721 (Bluteau) - primeiro emprego do termo já com o sentido de “órgão da gravidez”, como parte da expressão *placenta da madre*
- Ao longo do século XVIII (1721-1789) - período pós-criação, em que o termo está em vias de incorporação na língua portuguesa
- 1789 (Moraes Silva) - primeiro registro lexicográfico, marcando a desneologização
- Séculos XIX e XX - surgimento de novas acepções (placenta nos vegetais) e de derivados (*placentação, placental, placentário*)

5 Considerações finais

Com este estudo, objetivamos descrever o percurso histórico da unidade lexical *placenta* desde o seu emprego no latim da Antiguidade até a sua integração na língua portuguesa. Para isso, visando entender o processo de incorporação de uma nova unidade lexical à língua, trouxemos alguns conceitos teóricos relacionados à neologia e à Etimologia. Em seguida, apresentamos o significado de *placenta* conforme descrito nos dicionários de latim e também o seu uso num texto da Antiguidade, com o sentido de “torta ou bolo achatado”. Trazemos ainda os primeiros empregos de *placenta* com o sentido de “órgão da gravidez” em textos de cientistas do Renascimento, em latim, e também em português, no século XVIII. Por fim, trouxemos evidências da perda do caráter neológico (desneologização) do termo, com a sua inserção nos dicionários e a formação de derivados.

Para além do estudo desse termo em específico, esperamos também ter contribuído com reflexões teórico-metodológicas da pesquisa em Etimologia. Em especial, entendemos a descrição etimológica como sendo parcialmente equivalente à

descrição dos momentos do neologismo propostos por Barbosa (1978): o momento da criação, o momento de difusão e aceitação e, por fim, o momento da desneologização. Assim, Neologia e Etimologia são duas áreas do estudo do léxico fortemente relacionadas.

Como mencionado na introdução, o objetivo final deste estudo foi subsidiar a elaboração do verbete *placenta* do Dicionário Histórico de Termos da Biologia (Maroneze; Rio-Torto, 2023). Dessa forma, como um resumo das informações coletadas, o verbete ficará assim redigido:

placenta

Definição: Órgão formado durante a gestação, que une o feto ao útero materno.

Discussão histórico-etimológica: O étimo é o latim científico *placenta*, empregado pela primeira vez com esse sentido pelo médico italiano Gabriele Falloppio (na obra *Observationes anatomicae*, de 1562). Em latim clássico, *placenta* designa uma espécie de torta ou bolo achatado, cuja semelhança com o órgão da gravidez foi mencionada, pela primeira vez, por Realdo Colombo (na obra *De Re Anatomica*, de 1559). O termo se inseriu na língua portuguesa, já com o sentido atual, provavelmente por meio da expressão *placenta da madre*, atestada na obra de Bluteau (*Vocabulario Portuguez e Latino*, no volume de 1721), e aparece pela primeira vez como verbete de um dicionário na obra de Moraes Silva (*Diccionario da Lingua Portugueza* de 1789).

Esperamos ter assim contribuído para um maior entendimento de como se deu a introdução de termos do latim científico na língua portuguesa, tema que ainda se encontra relativamente pouco estudado.

Referências

ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. 3 ed. São Paulo: Ática, 2007.

ALVES, I. M. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. **Alfa**, São Paulo, v. 40, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3992>. Acesso em: 20 set. 2023.

BARBOSA, M. A. Aspectos da dinâmica do neologismo. **Língua e literatura**, n. 7, 1978. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/lingueliteratura/article/view/138126>. Acesso em: 28 jul. 2023. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.1978.138126>

BLUTEAU, R. **Vocabulário Portuguez e Latino**. (vol. T-Z) Lisboa Occidental: na Oficina de Paschoal da Sylva, 1721. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Vocabulario_portuguez_latino/RwGCgmERezIC. Acesso em: 07 jun. 2023.

CÂMARA Jr., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CATÃO, M. P. **Da agricultura**. Tradução, apresentação e notas: Matheus Trevizam. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.

COLOMBO, R. **De Re Anatomica libri XV**. Venetiis: Ex typographia N. Beuilacquae, 1559. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=bOJIUzIWOowC>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FALLOPPIO, G. **Observationes anatomicae**. Coloniae: Apud haeredes Arnoldi Birckmanni, 1562. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Observationes_anatomicae/gk8AAAACAAJ. Acesso em: 16 ago. 2023.

FIGUEIREDO, C. de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. Lisboa: Portugal-Brasil Sociedade Editora, 1926.

GRÉCO, G. (dir.) **Gaffiot 2016**. Disponível em: <https://gaffiot.fr>. Baseado em: GAFFIOT, F. **Dictionnaire Latin-Français**. Paris: Hachette, 1934.

HELANDER, H. On neologisms in Neo-Latin. In: FORD, P.; BLOEMENDAL, J.; FANTAZZI, C. (ed.) **Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin World**. Leiden: Brill, 2014. p. 37-54.

HENRIQUES, F. da F. **Medicina Lusitana, Soccorro Delphico**. Amsterdam: em casa de Miguel Diaz, 1731. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Medicina_Lusitana_soccorro_Delphico_aos/SaliAAAACAAJ. Acesso em: 16 ago. 2023.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2012. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 16 ago. 2023.

KNIGHT, S; TILG, S. **The Oxford Handbook of Neo-Latin**. Oxford: OUP, 2015. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199948178.001.0001>

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São. Paulo: Contexto, 2004.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. **A Greek-English Lexicon**. Oxford University Press, 1940. Disponível em: <https://stephanus.tlg.uci.edu/ljs/#eid=1>. Acesso em: 28 jul. 2023.

MARONEZE, B. O.; ALVES, I. M. Neologia: histórico e perspectivas. **Revista GTLex**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 6–32, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/55082>. Acesso em: 5 jul. 2022. DOI <https://doi.org/10.14393/Lex7-v4n1a2018-1>

MARONEZE, B.; RIO-TORTO, G. A elaboração de um dicionário terminológico histórico com recursos digitais. **Revista LaborHistórico**, v. 9, n. 1, e52387, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/52387/32319>. Acesso em: 5 ago. 2023. DOI <https://doi.org/10.24206/lh.v9i1.52387>

MORAES SILVA, A. de. **Diccionario da Lingua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau**. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Diccionario_da_lingua_portuguesa_Compost/jw35ZrdRyngC. Acesso em: 16 ago. 2023. DOI <https://doi.org/10.14393/DL50-v16n2a2022-6>

OXFORD Latin Dictionary. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PIZZI, M.; FASSAN, M.; CIMINO, M.; ZANARDO, V.; CHIARELLI, S. Realdo Colombo's *De Re Anatomica*: The renaissance origin of the term “placenta” and its historical background. **Placenta**, v. 33, n. 8, ago., p. 655-657, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0143400412001257>. Acesso em: 15 ago. 2023. DOI <https://doi.org/10.1016/j.placenta.2012.03.004>

SANTUCCI, B. **Anatomia do corpo humano...** Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1739. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books/about/Anatomia do corpo humano.html?id=D83IL7ybBeUC&redir_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Anatomia_do_corpo_humano.html?id=D83IL7ybBeUC&redir_esc=y). Acesso em: 19 ago. 2023.

SCHMIDT, S. **Tractatus de Paschate**. Francofurti ad Moenum: Impensis Johannis Davidis Zunneri, 1685. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Tractatus de Paschate altero Veteris Tes/RuBmAAAACAAJ](https://www.google.com.br/books/edition/Tractatus_de_Paschate_altero_Veteris_Tes/RuBmAAAACAAJ). Acesso em: 16 ago. 2023.

TILING, M. **De Placenta Uteri Disquisitio Anatomica**. Rinthelii: Impensis Thomae Henrici Hauensteinii, 1672. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Matthi%C3%A6 Tilingii Med U Doct Pr of Public/JH1VAAAACAAJ](https://www.google.com.br/books/edition/Matthi%C3%A6_Tilingii_Med_U_Doct_Pr_of_Public/JH1VAAAACAAJ). Acesso em: 16 ago. 2023.

TRÉSOR de la Langue Française informatisé. s/d. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/>. Acesso em: 20 set. 2023.

Verbetes *plăcintă*. In: Wikipedia. The Free Encyclopedia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Pl%C4%83cint%C4%83>. Acesso em: 28 jul. 2023.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEIRA, D. **Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza**. Quarto volume. Porto: Ernesto Chadron e Bartholomeu F. de Moraes, 1873.

Artigo recebido em: 19.08.2023

Artigo aprovado em: 19.09.2023